



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – FAFIC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DFI

GUSTAVO DA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO E O PAPEL DO ENSINO
DE FILOSOFIA

MOSSORÓ - RN

2021.2

GUSTAVO DA SILVA

A RELAÇÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO E O PAPEL DO ENSINO
DE FILOSOFIA

Monografia apresentada ao Departamento de
Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências
Sociais da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte como um dos requisitos para
obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Telmir de Souza
Soares

MOSSORÓ - RN
2021.2

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

D229r Da Silva, Gustavo
A RELAÇÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA DE
PLATÃO E O PAPEL DO ENSINO DE FILOSOFIA. /
Gustavo Da Silva. - UERN, 2021.2.
46p.

Orientador(a): Prof. Dr. Telmir De Souza Soares.
Monografia (Graduação em Filosofia). Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Processo de aprendizagem. I. De Souza Soares,
Telmir. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

GUSTAVO DA SILVA

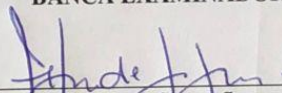
A RELAÇÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO E O PAPEL DO ENSINO
DE FILOSOFIA

Monografia apresentada ao Departamento de
Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências
Sociais da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte como um dos requisitos para
obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

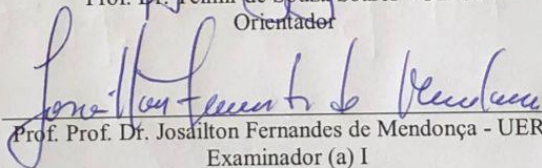
Aprovado em: 27/04/22

Conceito final: 70

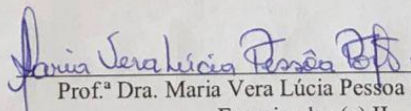
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Telmir de Souza Soares - UERN
Orientador



Prof. Prof. Dr. Josáilton Fernandes de Mendonça - UERN
Examinador (a) I



Prof.ª Dra. Maria Vera Lúcia Pessoa Porto - UERN
Examinador (a) II

“O homem pode converter-se no mais divino
dos animais, sempre que se o eduque corretamente;
converte-se na criatura mais selvagem de todas as
criaturas que habitam a terra, em caso de ser mal-educado”.
PLATÃO. As Leis (766 a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois não foi nada fácil realizar essa conquista, o sonho realizado com muito esforço e dedicação, diante de tantas dificuldades encontradas pelo caminho, eu não me achava capaz de realizar esse trabalho, mas uma convicção me moveu durante todo esse período, foi a fé que sempre está ao meu lado.

À minha família que esteve presente o tempo todo, aos meus pais, mesmo não tendo a presença física do meu pai, mas ele lá do céu esteve o tempo todo intercedendo para que tudo desse certo, sem eles jamais seria possível conseguir meus objetivos, pois sempre estiveram incentivando e dizendo que era possível.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Telmir de Souza Soares, por sempre acreditar nos meus esforços e na minha capacidade, pois foi muito importante seu incentivo, compreensão, e também com sua grande contribuição nas orientações e ensinamentos.

Aos meus ilustres professores e colegas que acompanharam toda a minha trajetória, que contribuíram de forma direta e indireta na minha formação, a partir da significativa troca de experiências e saberes.

E a todos que compõem a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pelo apoio, carinho e ajuda. Sem essa equipe, não teria conseguido finalizar o meu trabalho. Aos meus colegas de sala de aula que participaram e ajudaram de alguma forma, e principalmente aqueles que fizeram e se faz parte desse caminho, Mateus de Oliveira Sobrinho, Willian Giovanne Praxedes e em especial ao meu estimado amigo Júlio Cezar pela ajuda e incentivo, meus sinceros agradecimentos.

A todos que contribuíram direto ou indiretamente para a realização deste trabalho, meu muito obrigado.

Dedico este trabalho a Deus, pois, sem ele nada seria possível realiza-lo. Dedico esta pesquisa aos meus pais Maria de Lurdes Pereira e Pedro Luiz Pereira (*em memória*) e minha querida irmã Mônica da Silva. Pois é graças aos seus esforços e incentivo que hoje tenho o prazer de concluir esse tão sonhado curso. Não foi fácil durante esses quatros anos, muitas foram as barreiras enfrentadas, porém, veio a glória de ter chegado ao fim.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em a relação entre o mito da caverna de Platão e o papel do ensino de filosofia. Nosso objetivo consiste em fazer uma interpretação de uma das passagens mais célebres da história da filosofia ocidental, o Mito da Caverna de Platão, identificando sua relação com o papel do ensino de filosofia em nossos dias. Tomaremos como base principal o livro VII. Nossa abordagem mostra uma trajetória de como a imagem da caverna encontra-se organicamente ligada a uma gama de questões filosóficas e educacionais na *República*. Nesse sentido, para que o aluno e o professor possam ter um papel de destaque na sociedade é fundamental que a educação invista no conhecimento de forma mais eficaz a fim de valorizar as qualidades do aluno, tendo em vista a liberdade para apresentar suas ideias. Para esse processo, porém, a ajuda da filosofia será de suma importância, como fora visto por Platão no livro VII de a República.

PALAVRAS-CHAVES: Mito da Caverna. Conhecimento. Processo de aprendizagem. Ensino de filosofia.

BSTRACT

This research consists of the relationship between Plato's cave myth and the role of philosophy teaching. Our objective is to make an interpretation of one of the most famous passages in the history of Western philosophy, Plato's Myth of the Cave, identifying its relationship with the role of philosophy teaching in our days. We will take book VII as our main basis. Our approach shows a trajectory of how the image of the cave is organically linked to a range of philosophical and educational issues in the Republic. In this sense, so that the student and the teacher can play a prominent role in society, it is essential that education invests in knowledge more effectively in order to value the student's qualities, with a view to the freedom to present their ideas. For this process, however, the help of philosophy will be of paramount importance, as was seen by Plato in book VII of the Republic.

KEYWORDS: Myth of the Cave. Knowledge. Learning process. Philosophy teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. As relações do Mito da Caverna de Platão e as novas prisões no ensino de filosofia... 10	
1.1 Relação entre mito e filosofia	12
1.2 Os Mitos de hoje.....	16
1.3 As novas prisões no ensino de filosofia	19
2 A saída da Caverna para o mundo intelectual.	22
2.1 A saída da Caverna e seus novos desafios	26
2.2 O Mito da Caverna de Platão.....	28
3. Os elementos para o Ensino de Filosofia apartir do Mito da Caverna de Platão.....	32
3.1 Importância do ensino de filosofia.....	35
3.2 A função do ensino da filosofia.....	37
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Platão (428 a.C. - 347 a.C.), fundador da academia de Atenas, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles é dos primeiros filósofos da Grécia Antiga e, também um, dos mais conhecidos e estudados até os dias atuais, especialmente pela sua famosa obra A República e pelo fato de sua obra ter sobrevivido por mais de dois mil quatrocentos anos. Infelizmente isso não aconteceu com a maioria das obras de seus contemporâneos.

Como bem sabemos, os escritos de Platão foram muito importantes para a história da filosofia, ele foi o grande responsável por termos acesso aos diversos pensamentos de distintos filósofos da Grécia Antiga, como Sócrates seu mestre, Heráclito, Parmênides e Pitágoras. Nesse sentido, Platão foi o introdutor do diálogo filosófico entre Sócrates e seus discípulos, amigos e personagens opostos obra a República, e ele também foi o fundador da filosofia política ocidental.

A caverna de Platão, foi uma visão platônica de homens que estão no interior de sua caverna e pensam no que veem para formular sua realidade. Mas, na verdade, aquela realidade é uma percepção de ideia de mundo que eles têm do mundo do conhecimento, eles que veem apenas as sombras de pessoas carregando estatuetas de animais de pedra e madeira. Neste sentido, eles pensam desta forma pelo fato de não conhecerem outro mundo. Platão faz uma comparação da caverna ao mundo sensível onde vivemos, que é o mundo das aparências. Esse mito vai nos estimular a compreender uma possível relação com os mitos da nossa contemporaneidade.

Relação essa que buscaremos explicar ao longo deste trabalho, com efeito, usaremos comentadores para enriquecer o nosso discurso. Trataremos também de uma relação desses mitos com o ensino de filosofia nas escolas públicas e mostraremos a realidade do ensino de filosofia atualmente. É importante falar aqui que no tempo de Sócrates, que viveu em Atenas, num período em que a cidade era considerada referência tanto na esfera política, como na econômica e cultural. Ele foi o grande mestre do filósofo Platão (428 – 348 a.C.).

O escopo do nosso trabalho, como anunciado no início dessa introdução, consiste em desenvolver uma reflexão acerca de uma possibilidade de trazermos para a atualidade o âmbito A República. Pontualmente, nos apropriamos do mito da caverna de Platão. Como bem sabemos, os escritos foram muito importantes para a história da filosofia.

A partir do momento que o Diálogo se torna um mediador entre o ideal e o real, será que estes não podem, além de interagir e coexistir, também se amalgamar. Acreditamos que

sim, existe uma linha tênue entre os dois que por vezes pode gerar confusão, mas cabe a processo de educação propiciar a distinção entre ambos.

O trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução, desse modo, no primeiro capítulo discorreremos acerca da parte histórica do Mito da Caverna expondo seus principais seguimentos filosóficos. Ainda apresentaremos as relações do Mito da Caverna de Platão e os mitos de hoje.

No segundo capítulo, apresentaremos a saída da caverna para o mundo intelectual, mostrando pontos para chegar ao mundo cheio de informações e conhecimentos diversos na construção de uma educação com mais segurança em consonância com a sabedoria. Faremos também, uma relação entre filosofia e a educação, bem como sobre sua importância para o mundo educacional, traçando alguns aspectos com a filosofia e a educação da Grécia Antiga.

No terceiro capítulo, iremos mostra algumas explicações entre os elementos que irão nos ajuda a Compreender o Ensino de Filosofia a partir da Metáfora de Platão. Fazendo uma ponte com a importância do ensino da filosofia para o nosso tempo. Mostrando assim também como a função do papel do ensino de filosofia e sua contribuição na formação da cidade conforme a razão.

1. As relações do Mito da Caverna de Platão e as novas prisões no ensino de filosofia.

Platão é um dos filósofos mais conhecidos do mundo ocidental. Nasceu em 428 a.C. numa família aristocrática ateniense, ele pretendia seguir no ramo da política. Contudo, ele começou a seguir Sócrates aos 20 anos de idade. Depois da morte de Sócrates, ele começou seus estudos filosóficos. Platão foi um dos mais importantes pensadores do período antropológico da filosofia grega, ele quem fundou o que chamamos de pensamento metafísico, relegando questões para se chega uma explicação do “ser” e das “essências”. O princípio da sabedoria é a chave para se ter qualquer tipo de conhecimento acerca da diversidade do mundo.

Nesse sentido, ele tinha uma perspectiva racionalista. Admitia que tinham dois mundos: o mundo físico, que englobava os sentidos, caracterizado pelas mudanças, instabilidades, em que as sombras e as aparências são as imperfeições; já e o mundo racional, onde ele se contactava através da razão, que constitui a verdadeira realidade. Este mundo é formado por ideias, essências, formas imutáveis, das quais todas as coisas sensíveis participam. Ele vai dizer, que a alma é imortal e nessa vida se encontra prisioneira num corpo, Platão considerava que obtemos o verdadeiro pensamento numa existência superior, em que podemos contemplar as ideias imutáveis.

O Mito da Caverna de Platão, por sua vez, é uma caverna criada por Platão, nesta caverna viviam prisioneiros cativos, amarrados pelos braços e pernas que nem o pescoço podem mexer. Nesta gruta tem uma fogueira por detrás deles e por ali passam pessoas levando figuras de animais de pedra e de madeira, mas os prisioneiros não só viam sombras e ecos que eram projetados no fundo da caverna isto consiste numa percepção por parte dos prisioneiros do mundo interior da caverna, algo diferente dos objetos reais. Neste sentido, a caverna seria uma ilustração de como estamos acorrentados na ignorância.

Como eles estavam no cárcere, amarrados e não podiam se mexer para o lado, não conseguiam sair do aprisionamento, mas em certo momento, um deles percebe que a sua corrente está quebrada e consegue sair. No entanto, no primeiro momento contato com o mundo, ou seja, com o sol, ele fica cego por causa da luz. Depois de algum tempo, ele começou a entender sua condição de prisioneiro. Eles não entendiam o por que eles estavam presos desde criança e cresceram sem saber o que tinha acontecido na realidade verdadeira, por algum momento em que ele imaginava, era totalmente diferente de sua percepção de mundo. Essa representação do “Mito da caverna”, pode ser parceira a partir da seguinte leitura:

Ao apresentar o cenário e os obstáculos dos personagens, o autor proporciona alguns desafios. O primeiro pode ser entendido como uma condição social, onde os homens estão desde a infância em determinadas condições que não possibilitam conhecer tais verdades, ou seja, estão impossibilitados de realizar uma passagem do contexto infantil, no qual habitam, para um racional. Isso se dá, segundo a interpretação, pelo não favorecimento dos meios e por uma acomodação: os homens estão presos e não conseguem se movimentar (CARNEIRO, 2019, p. 69).

Mediante esses dizeres, afinal, o que é o mito da caverna de Platão? A alegoria da caverna é definida de modo geral da seguinte forma: é uma ilustração de pessoas presas desde quando nasceram, ou seja, pessoas sem uma experiência profunda, sem razão, os escravos estão presos no mundo das ideias. Para tanto, o mito em nossa realidade se caracteriza pela simbolização da ignorância como uma realidade pautada em comodismo que se torna incômoda quando começamos a ter uma consciência da sua presença.

Com efeito o filósofo escreveu a obra O Mito da Caverna, que consiste em forma de diálogo filosófico, que conta uma história de homens que estão acorrentados numa caverna subterrânea. Aqui queremos mostrar a relação ente a narrativa da caverna com as prisões no ensino de filosofia hoje, assim levantaremos pontos acerca do contexto histórico e está inserido na nossa sociedade hoje, o que é muito preocupante para a formação dos nossos alunos e futuros profissionais da educação, neste sentido, iremos trazer essa realidade que é muito frequente há muitas décadas que muito assola o ensino de filosofia. Vejamos como eram criados os mitos na mitologia grega, que eram uma forma de explicar como seria.

Durante o período da antiguidade, a mitologia tentava explicar os fenômenos naturais. O mito era considerado grande representação das cidades e os povos gregos. A partir de narrativas com deuses que assumiam personalidades e formas antropomórficas acarretou-se inúmeras divindades e narrativas míticas (SILVA, 2019, p. 13).

A mitologia grega, simplesmente, reuniu os mitos que foram criados pelos gregos na antiguidade. Com isso, o seu objetivo principal era explicar alguns fatos que aconteciam naquele tempo, como a origem da vida após a morte e até mesmo os fenômenos da natureza. Neste sentido, a criação dessas narrativas consistia na fantástica aventura na imaginação que englobava a mitologia grega. Esta foi, supostamente, a forma encontrada pelos gregos para conservar sua rica história. Com efeito, a civilização grega estava baseada numa religião politeísta, ou seja, eles cultuavam diversos deuses.

A metáfora é construída para se tornar como que meios que iram ajudar na educação naquele tempo, mas que se estendeu até nossos dias, por isso, que o filósofo grego tinha uma

perspectiva, com esse diálogo filosófico com Glaucon, de trazer os principais pensamentos de Sócrates. Platão buscava com seus postulados uma forma para propor uma sociedade perfeita que tivesse uma política cheia de conhecimento e sem ignorância.

Como seria essa cidade perfeita? De forma organizada, segundo as leis da justiça e da harmonia. A cidade na qual cada habitante deveria preencher as funções que era atribuída a cada um conforme suas capacidades. A reforma política sonhada pelo então filósofo, nunca ultrapassou o medulo de projeto. Mas ela continua, mesmo hoje e para o futuro, um dos inestimáveis tesouros do mundo.

Nos salienta que os mitos são criados ao longo da nossa existência, neste caso, Platão descreve os homens desde a sua infância, geração após geração, que se encontram aprisionados em uma caverna, e neste lugar, não conseguem se mexer pra nenhum lado, em virtude das correntes que os mantêm imobilizados. Com efeito, eles estão de costas para a entrada da caverna, a única visão que eles têm é do fundo da gruta. Por detrás deles têm-se uma fogueira que permanece acesa, isso é a única fonte de conhecimentos que eles têm em sua construção de compreensão de mundo.

2.2. Relação entre mito e filosofia

O mito surgiu na Grécia Antiga como narrativa para explicar os fenômenos da natureza que não podiam ser compreendidos. Isto servia para fazer as explicações necessárias para se entender a origem do conhecimento. Já a filosofia fazia estudos e reflexões e questões relacionadas à existência humana, também fazia reflexão sobre o conhecimento e valores estéticos e da concepção e linguagem. O que é o mito? Entendemos o conceito de mito da seguinte maneira, baseada na ideia de que os antigos gregos criavam as narrativas para fazer as explicações de acontecimentos e fenômenos da natureza que não podiam e não tinha acesso para ser compreendidos e entendidos.

O que é a filosofia? O que entendemos a respeito de filosofia nada mais é que o caminho da sabedoria, com outras palavras, a filosofia vem do grego “philosophia” que significa o amor a sabedoria em uma tradução literal. Onde ela está ligada aos fundamentos da existência humana. A sua origem se deu por volta do século VI antes de Cristo, nesse período a Grécia era o lugar em que muitas culturas eram encontradas, por esse motivo recebia influência de diversas partes do mundo. Assim a filosofia se tornou a fonte primordial do conhecimento na Grécia Antiga.

Vejamos como Carneiro faz uma colocação muito salutar para se entender como a filosofia era compreendida e utilizada naquele momento.

O ensino da Filosofia pode ser apreciado por várias óticas e essas, por sua vez, discorrem sobre vários significados. Não cabe aqui fazer uma análise, mas apenas entender o método aplicado por Platão, que por meio do Mito da Caverna apresenta um estilo próprio que tem por objetivo proporcionar o conhecimento racional através da educação. Seguindo a lógica platônica, arriscar-se-ia a afirmar que o ensinar filosófico é mais do que argumentar e apresentar a história da Filosofia. É uma maneira de conduzir o que se aprende a envolver-se; é um tornar-se filósofo com o filósofo pelo processo do filosofar (CARNEIRO, 2019, pp. 74-75).

Porém, a filosofia tem uma grande importância para o desenvolvimento de métodos utilizados em teorias e projetos educacionais e até mesmo em instituições científicas. Vale ressaltar, que a filosofia está praticamente em todas as áreas do conhecimento, e até no conhecimento em si, os estudos filosóficos são divididos entre vários segmentos entre eles se destacam metafísica, lógica, ética, política, estética, teoria do conhecimento, filosofia da mente, filosofia das ciências naturais e sociais, fenomenologia, filosofia da linguagem, filosofia da física, filosofia da matemática e filosofia da religião. Logo, a filosofia se tornou o ramo que busca compreender racionalmente diversos aspectos da existência humana.

Aí entramos na questão da função do filósofo, Carneiro nos traz uma ponte de resiliência em questão dessa função que muitos ainda não sabem e não tem acesso a essa função tão importante para a formação intelectual da nossa sociedade, vejamos abaixo.

Assim sendo, a função do Filósofo não é ganhar um papel de destaque, muito menos honrarias. Sua função é dar-se na expansão do conhecimento filosófico com o objetivo de tornar o sujeito consciente através do pensar e possibilitar que muitos adquiram essa habilidade. A verdade, quando descoberta, não poderia ficar restrita a um grupo. Se assim fosse, tornar-se-ia medíocre e sem efeito. Muito menos esse grupo poderia pensar que é melhor por haver obtido a possibilidade de chegar a tal grau de consciência. Pelo contrário, esses indivíduos são obrigados a realizar o movimento descendente com o objetivo de dar a mesma oportunidade aos que continuam na dependência das sombras da razão (CARNEIRO, 2019, pp. 75,76).

O filósofo se coloca como aquele que serve, ou seja, é estudar e refletir sobre a natureza de todas as coisas e suas relações entre si, pois bem, como os seus significados. Neste sentido, o filósofo tem por dever compreender a realidade do mundo e da condição humana, fazendo questionamentos aos valores, conceitos e comportamentos, sejam eles individuais ou coletivos. Além disso, o filósofo questiona e investiga a essência do universo e do homem com muita

profundidade e rigor metodológico. O filósofo também tem em sua função analisa as obras e os pensamentos de grandes autores e correntes da filosofia, política, ética e a lógica.

A contribuição da filosofia na educação se deu de forma que a relação entre filosofia e a educação existe desde o mundo grego. Os filósofos gregos naquele tempo viviam em busca da virtude humana, foram eles que deram início às discussões sobre a filosofia da educação e o seu sentido no mundo. Com isto, pode-se dizer que a filosofia da educação surgiu do forte vínculo entre a filosofia com a pedagogia estabelecido no decorrer dos anos, pois bem, a filosofia se preocupava com as formas do conhecimento perfeito naquele período, não só naquele período mais em todo momento ela se preocupa com a formação do homem perfeito.

Com efeito, entendemos que a filosofia é o meio pelo o qual o homem se torna crítico e é convidado a sair do senso comum, a partir do momento em que passa a pensar, refletir, analisar os conceitos da sociedade, vemos como um membro com as possibilidades de viver e de alterar todo o funcionamento desta ação feita pela mãe da sabedoria. A relação do mito com a educação se caracteriza da seguinte maneira: Platão faz uma interligação da Metáfora com a Educação. O seu principal objetivo é a busca do conhecimento das ideias perfeitas, eternas e imutáveis que correspondem a realidades verdadeiras e alcançar o máximo de conhecimento possível para se ter uma educação de mais qualidade. A educação platônica é uma educação comprometida e moldada com o ensino da verdade.

Ao falarmos hoje sobre o mundo sensível e o mundo inteligível, o Mito da Caverna tem servido como uma metáfora e principalmente para aquilo que é chamado de escravidão voluntária, ou podemos chamar de fenômeno do escravo feliz. Esse é exemplo muito comum que nos ajuda a entender a relação atual da sociedade com a tecnologia. Assim sendo, os homens permanecessem na ignorância ao se prender às informações que são veiculadas nas redes sociais, faz com que seja acessados vários aplicativos sem muita importância ao que convém a educação.

No entanto, o Mito da Caverna quando nesse sentido são chamados, algumas verdades diferentes do que conhecem, eles logo, negam e ficam preferindo continuar presos na caverna sem querer ir em busca dessa verdade que vem a se revelar. Vejamos algumas dessas relações que Platão ressalta segundo Fernandes e Messias apresentam abaixo.

Ao longo de toda a obra, Platão proporá o tipo de educação vinculada a cada classe por ele separada (os governantes, os guardiães e os trabalhadores), relacionando-as com as almas. Para os guardiães será necessária uma educação baseada nas emoções (alma irascível), muito vinculada à força. Para os trabalhadores, uma educação baseada nos instintos (alma concupiscível), muito vinculada à moderação (2008, p. 03).

No entanto, o sistema educacional de hoje não fica muito longe dos tempos antigos, sem ter uma atenção maior. Sendo assim, o ensino da filosofia praticamente foi deixado de lado. Com isso acarretamos que a própria filosofia está morrendo no meio educacional, como bem sabemos, que é verdade que a educação não mudou muito desde sua base tradicional onde ela contribui para o desinteresse em adquirir o conhecimento vindo por parte da população. Por isto, muitas já estão acomodados a esta realidade e outras levam esse costume de ver somente o que os donos do poder nos mostram e acreditando que somente aquilo é verdadeiro e mais ainda só eles que estão certos, e que nós não precisamos pensar porque já temos quem faça por nós, mas na verdade não é assim, isso faz com que eles fiquem acomodados sem ter um conhecimento sólido e sem um fim verdadeiro.

No que tange a questão da filosofia e a educação, é bem provável que seja preciso que os estudantes tirem de si a ilusão das sombras e das correntes e livrem-se dos preconceitos, ignorâncias entre outros. Neste contexto, eles comecem a desenvolver o pensamento crítico construtivo, a fim de mostrar e produzir novos conhecimentos. Entretanto, temos que sair da caverna. Como isso acontecerá? Buscando conhecer incansavelmente sem nunca pensar que já conhecemos o bastante para toda a nossa vida. Desta forma corremos o risco de voltarmos para à caverna e nos acostumarmos novamente com as correntes, escuridão, sombras e entres outros.

Vejamos como Carneiro apresenta essa questão da negação da liberdade por parte dos prisioneiros e suas dificuldades ao enfrentarem essa negação, vejamos como ele define de maneira bem explícita abaixo.

Ser prisioneiro aos olhos da razão é uma forma de negar-se a liberdade enquanto ser pensante. É destituir-se do que dá sentido à existência. É a maneira pela qual se deixa enganar pelas sombras e ruídos. A esses moldes, a consciência adquirida é uma representação da sombra, algo parcial, que não contém sustentabilidade (CARNEIRO, 2019, p. 70).

Muitas dificuldades vêm acarretando o professor de filosofia que irá encontrar na sala de aula. Mas o seu papel enquanto educador é seguir os seus pensamentos, fazendo com todos possam pensar e sair da escravidão do senso comum e fazer com que os alunos que permanecem acorrentados tirem de si estas correntes. Ressaltamos, pois, assim, como os que permanecem na caverna possam fazer das sombras a sua realidade, muitos alunos fazem do senso comum o seu verdadeiro conhecimento, seguro que o servirá para toda sua vida, sem perceber que eles tendem a fracassar na vida futura.

A filosofia como a mestra de todas as disciplinas, nos faz aprofundar nessa questão que é muito preocupante para a nossa educação. O maior medo que nós trazemos hoje é o de cairmos

de volta para a caverna que aprisiona o conhecimento. Mesmo em meio a tantas dificuldades encontradas é preciso que o professor de filosofia busque sempre estar pronto a abrir as mentes de seus alunos e ensiná-los a ser mais críticos e questionadores. Como bem sabemos o processo do aprendizado é bem doloroso, mas ele nos abre horizonte para o mundo da sabedoria, primeiro tem que passar por um longo processo de adaptação para poder chegar na tão sonhada luz (conhecimento) através dos esforços de todos que estão disposto.

A educação em meio as prisões, para além do pouco acesso à educação prisional ela enfrenta ainda uma série de questões. Ela ocorre de maneira muito eloquente e isso provoca no sentido de que as graves e constantes violações de direitos, as expressões em violências físicas, morais, éticas e nas condições dos presídios onde levanta questões de pura negação para se ter uma educação de qualidade se tonando assim presas e sufocadas pelo próprio ser humano que não se esvazia dessas questões e não se oferece na verdadeira sabedoria.

1.2. Os mitos de hoje

O mito é uma crença sem ter muito fundamento, era uma maneira de informação dos gregos com respeito aos fenômenos que acontecia. Atualmente o mito perdeu força no papel de ordenador do pensamento e da sociedade no que diz respeito a explicação dos fenômenos. Esse fenômeno é decorrente do avanço da ciência como fonte de conhecimento e explicação dos diversos aspectos da vida, da natureza e do ser humano.

É muito salutar se recordar da metodologia do velho filósofo Platão, e vejamos, como as metodologias são aplicadas durante todo o discurso filosófico, e por que chamamos de conversa filosófica.

Recorrendo à metodologia platônica, por meio do diálogo como referência para o desenvolvimento do processo educacional, a investigação utiliza-se de uma pesquisa qualitativa, com base em entrevistas e questionários, realizada com os alunos de Filosofia. Para tanto, parte-se da hipótese de que o pensar reflexivo far-se-á necessário para aperfeiçoar as práticas e tornar as aulas mais prazerosas e significativas no Componente Curricular de filosofia, como também incentivar os alunos a desenvolver o processo de criticidade (SILVA, 2019, p. 11).

Neste sentido, é importante conhecermos as metodologias de ensino e compreendermos também o ensino de filosofia e suas transformações e sempre ficar buscando novos métodos de ensino, trazer mais a filosofia para nosso meio. E não ficar presos a coisas velhas, já conheciam

muitos professores na época que fazia o ensino médio que todo ano era aquela mesma coisa, não tinha inovação, não trazia novos métodos e didáticas para salas de aulas.

Para entendermos de forma mais coerente o surgimento dos mitos na Grécia antiga, a autora da dissertação nos ajudará, vejamos.

Um fator importante que deve ser lembrado é sobre o surgimento do mito, o qual emergiu de uma experiência entre grupos que tentavam interpretar a realidade e os fenômenos da existência. Por isso, era apresentado como verdade, pois estava presente na tradição da população antiga (SILVA, 2019, p. 15).

Salientamos, que o surgimento dos mitos nos ajudou a pensar e raciocinar e adquirir o conhecimento, o porquê desse relacionamento da filosofia com o ensino aprendido? Por que a filosofia é mestra na sapiência, ela nos ajuda a pensar e se aprofundar, ela nos ajuda a buscar o conhecimento fora das cavernas, ela nos abre os horizontes do pensamento e conduz o sujeito ao aprendizado, saber se posicionar em determinados assuntos e ter uma posição filosófica acerca dos temas que são debatidos e estudados, muitas vezes muitos ficam no senso comum e não tem uma argumentação lógica.

As experiências são compostas por grupos de diálogos sobre a forma de pensar e agir com a sabedoria adquirida no diálogo, a filosofia nos faz esse convite ao diálogo da antiguidade até os dias de hoje.

O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custa, a ideia do bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo de belos; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública (PLATÃO, 1949, p. 319).¹

Ao sair da caverna o prisioneiro fica com os olhos ofuscados devido à luz do sol, esse primeiro encontro com o mundo real, digamos assim, que a luz da razão ofusca a nossa visão por que passamos o tempo todo com os olhos fechados para a sapiência. A luz da verdade está em nosso meio, para que isso seja conquistado é preciso que nós saíamos das cavernas do nosso mundo de ideias falsas cheias de incompetências.

¹ PLATÃO, 1949, P. 319. Para Platão o mundo inteligível se dar pela formação que era oferecia o conhecimento com base na razão. O mundo sensível é aquele baseado nas sensações do indivíduo e que não se baseia na razão. Platão viveu por volta de 427-347 a.C. sendo um discípulo direto de Sócrates.

Para tanto, as prisões que nos cercam são meramente ilusões criadas por nós mesmos devido a nossa falta de vontade, sendo assim é preciso que nós possamos salientar a busca do saber, se desprender das nossas prisões. Assim sendo, vemos como ele faz uma reflexão acerca do que Sócrates diz.

E se a prisão tivesse também um eco na parede do fundo? Quando algum dos transeuntes falasse, não te parece que eles não julgariam outra coisa, senão que era a voz da sombra que passava? Por Zeus, que sim! De qualquer modo – afirmai – pessoas nessas condições não pensavam que a realidade fosse senão a sombra dos objetos (PLATÃO, 1949, p.316).²

Uma das coisas muito claras, que fica afusada em nossas ideias pois vivemos num mundo muito superficial e barulhento, que acaba atrapalhando o indivíduo a obter o aprendizado. E nesta busca pelo o sabedoria almejada é preciso deixar de lado essas amarras que aprisionam o sujeito em suas cavernas e ficam apenas no senso comum, as preocupações são aquelas que o ensino de filosofia é visto como uma coisa só para preencher a carga horaria. E sem contar que os professores que ministram as aulas de filosofia muitos não são da área, ou seja, não tem conhecimento para se aprofundar no conhecimento e transmite para o enriquecimento dos alunos.

Diante disso, com a proposta do diálogo platônico tentou-se unir a filosofia clássica à contemporaneidade, utilizando os textos filosóficos de uma forma interativa e usando o data show como recurso para exibição de cenas de filmes e vídeos, todos elencando o Mito da Caverna e trazendo para a cultura dos alunos, sua realidade atual. É importante destacar que todos podemos aprender, pois o conhecimento através do diálogo platônico transforma o indivíduo (SILVA, 2019, p. 48).

Se isso já vem causado por parte das escolas que não tem profissionais específicos na área da filosofia e muitos não tem a formação específica na filosofia, ou até mesmo metodologias, uma coisa seca não serve de nada a não ser para ser jogado fora sem mera consideração porque não tem solidez, não tem um aprofundamento. Essa é a realidade que o

² PLATÃO, 1949, p.316. As sombras e ecos: as sombras são a forma de percepção que os prisioneiros veem e os ecos que eles escutam são as formas de opiniões e os preconceitos que trazemos do senso comum e da vida costumeira, sengo Platão, os conhecimentos que são impostos em nossa cultura são errados e adquirimos através dos sentidos de nosso corpo e da vida cotidiana.

- A ofuscamento: está relacionado com à dificuldade de assinalar novas descobertas e a necessidade de estar aberto ao conhecimento. O mundo do lado de fora é o real e inteligível, que é dotado de formas e com uma identidade inalterável.

ensino de filosofia vive hoje, por discrepância a educação ela é libertadora, leva o sujeito novos horizontes dos saberes desejados por muitos que são poucos.

De acordo com a estrutura apresentada, percebe-se que a educação pode ser não libertadora quando forem atribuídos conceitos inválidos. Primeiro por manter o sujeito em um sistema de dependência; segundo, pelo fato de não proporcionar um contato com o real (CARNEIRO, 2016, p. 71).

É muito salutar, essa expressão que ele fala, as estruturas educacionais possibilitam um sistema de dependência para ser obter o saber, que nos proporciona a integralidade de novas fontes de uma sapiência sólida e ajuda o indivíduo até mais condições de se libertar das amarras da caverna e aprimoramento do aprendizado. Na busca pelo saber sapiencial um dos prisioneiros consegue escapar da prisão e sai da caverna com intuito de conhecer coisas novas, ele fica muito abismado quando consegue enxergar, porque ele passar um tempo sem enxergar devido à luz do sol, ele fica ofuscado com o mundo real pois ele é totalmente diferente das percepções que se tinha.

1.3. As novas prisões no ensino de filosofia

A busca pela sabedoria consiste pelo fato de que é preciso sair dessas novas prisões que estão assolando cada vez mais a cultura do saber. O sujeito está se embaraçando no mundo das ideias de que o ensino fica preso nas limitações e parece uma coisa que é normal para muitos. Neste sentido, as prisões que encarceram o homem fazem com que ele fique de forma parada no seu mundo, parece muitas vezes que nem está no mundo do inteligível e sim no mundo das ideias, o homem tem que buscar a luz da sabedoria e encarar os seus desafios e se debruçar na luz da sapiência. Abaixo ele nos dá nortes desse congelamento no campo do conhecimento.

Estou a ver – disse ele. Visiona também ao longo desde muro, os homens que transporta toda a espécie de objetos, que ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira e de toda espécie de lavor; como é natural, dos que os transportam, uns falam, outros seguem calados. (PLATÃO, 1949, p. 315).³

³ PLATÃO, 1949, p.315. Imagens e ecos na Caverna de Platão: as sombras e os ecos eles nunca são projetados exatamente do modo como os objetos que os ocasionam são, as sombras são distorções das imagens e os ecos são distorções sonoras. A saída da caverna: ao sair da caverna significa buscar o conhecimento verdadeiro é sair do mundo das ideias e do senso comum.

Neste pequeno relato, digamos assim, percebe-se que os prisioneiros que estão encarcerados na caverna e um dele que conseguiu fugir e depois de todas experiências vividas no mundo do conhecimento ele quer voltar para repassar para os outros a luz da verdade. Esse pensamento nos acarreta de forma que os prisioneiros não aceitam as coisas que o outro passar pra eles, não é muito diferente de hoje não que muitos não aceitam o pensamento do outro, mas cria-se um sentimento de inveja, não quer aceitar de nenhuma forma a sabedoria do seu próximo, por isso fica aquela coisa, presos no seu mundo de ideias e incertezas.

Na Alegoria da Caverna de Platão, alguns homens vivem presos ao seu mundo de ideias e ao seu mundo de incertezas. Na alegoria da caverna de hoje, cada ser é chamado a superar os seus medos, a olhar para frente e encontrar um sentido amplo para o seu universo. Como entendera complexidade do pensamento humano? Cada ser é uma livre explicação de si mesmo. O homem é feito de crenças, é feito de sonhos e de pura razão (MATOS, 2011, p. 69).

Por quase 40 anos a disciplina de filosofia foi incorporada ao currículo do ensino médio. Pela Lei nº 11.684, passou a ser obrigatória o ensino da disciplina nas seguintes series, no primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio. A filosofia tinha sido banida por volta dos anos de 1971, foi substituída por educação moral e cívica. É muito salutar trazer esse fator histórico para ser refletido aqui, pelo que parece o ensino de filosofia obrigatório continuou da mesma forma, presos sem ter uma clareza melhor e sem uma atenção devida a ela. Por que isso? A filosofia é mãe de todas as ciências, a filosofia é mestra não deveria ser ensinada dá forma que é nos ensinamentos médios no Brasil e porque não no mundo.

O ensino da filosofia é apresentado como um meio para se obter o conhecimento reflexivo, organizado e crítico. É por meio deste que o estudante, instigado pelo seu professor, pode romper com o pensamento do senso comum e se apropriar do conhecimento racional e mais elaborado. Percebe-se que esta é uma das maiores necessidades que o homem procura em seu processo de aquisição do conhecimento e desenvolvimento da razão (CARNEIRO, 2016, p. 68).

A filosofia é muito importante para a existência do indivíduo no sentido que ela o prepara para a vida, sem ela jamais nós teríamos os avanços que temos na nossa educação, não só digo na educação, mas também em várias outras áreas do mundo do saber. Neste sentido, a filosofia passou a ser uma necessidade para o homem em seu processo de desenvolvimento da sua razão, com essa procura ele de fato busca se entender como um ser no mundo, atuante nos seus acontecimentos. Deste modo, o pensar filosófico se utiliza da razão com o objetivo de entender as realidades em sua essência e existência. “Para se chegar a tais objetivos, o sujeito

não adquire tais conhecimentos de forma mágica nem tampouco sem esforços. Percebe-se que para se alcançar tais conquistas, faz-se necessário uma busca, desejo e perseverança” (CARNEIRO, 2016, p. 68).

Platão ajuda a entender como o indivíduo pode chegar ao princípio desejado, a *República* irá apresentar nortes de como o sujeito precisa se libertar das correntes para poder ir em busca do aprendizado. Parece que o mundo intelectual não tem mais esse desejo por ele. Na obra ele aponta uma sociedade ideal, uma política bem feita para uma boa cidade que tenha uma boa qualidade educacional, para que os indivíduos possam viver de maneira mais simples. Para que isso possa acontecer, é preciso que os cidadãos busquem a luz do conhecimento, além disso, o sujeito ele precisa se debruçar na verdadeira construção sólida do conhecimento filosófico, mais uma vez é preciso que o homem saia do seu comodismo que lhe aprisiona no senso comum.

As prisões no ensino de filosofia consistem da seguinte forma, o ensino de filosofia hoje não tem uma atenção dos governantes parece mais uma coisa para preencher vagas curriculares. Sendo assim, o ensino de filosofia passou a ser despercebido pela formação intelectual dos alunos, com efeito, a filosofia nos acarreta no crescimento do homem, ela está presente em nosso cotidiano. Para além disso, o ser precisa se libertar das amarras mais escuras de sua mente, e buscar pela experiência que muitas vezes estão presas nas nossas cavernas em meio a escuridão que não deixa o sujeito ir em busca da luz.

2. A saída da caverna para o mundo intelectual.

A saída da caverna nos apontará uma relação de que irá possibilitar ao homem o conhecimento desejado. Assim sendo, como já foi abordado no primeiro capítulo, a saída do prisioneiro que logo fica cego com a luz do sol, nos acarretará que o homem preso no extremo da Caverna via as imagens provocada pela luz do fogo, que na verdade eram apenas sombras pretas de animais de pedras e de marionetes, ao sair ele vê as imagens como realmente são, o reflexo na água que seria totalmente diferente do que ele estava acostumado a ver.

Vejamos como Maia apresenta para nós essa espécie de adaptação do prisioneiro liberto das amarras da caverna para o mundo intelectual.

Para que seus olhos não se ofuscassem com a luz do mundo superior, primeiramente deveria olhar para as sombras, em seguida as imagens refletidas pela água, em seguida os próprios objetos. O céu, inicialmente, seria melhor percebido à noite, sob a luz da lua, pois a luz do Sol ofuscava sua visão. Após habituar-se a todas as outras coisas, haveria um momento certo no qual poderia contemplar não apenas o seu reflexo, mas diretamente o Sol. Ao fazer isso, logo perceberia que é o Sol o responsável por tudo o que existe, pelo equilíbrio das coisas, pela vida, pelas estações, pela ordenação do mundo exterior, ou seja, pela luz (MAIA, 2018, p. 27).

Os prisioneiros estão na caverna desde sua infância, com isso eles cresceram com essas imagens que lhe eram apresentados no fundo da caverna. Com a saída dos grilhões o prisioneiro sofreu um processo muito doloroso, pelo fato de que ele só conhecia o que via através das imagens das sombras, com efeito, ele teria que começar do zero para assim se inserir no processo de adaptação. Com a saída de um deles, que começa a se habituar com todo conhecimento vem da luz, tudo é exposto pelo sol, neste sentido, o sol é a luz da sabedoria, e pelo o fato de quem for liberto da alegoria jamais queria volta para lá pra viver como senhor na liberdade, antes preferiria ser escravo sob a luz do Sol, no fato pelo qual o homem seria novamente aprisionado do conhecimento. Platão (1949). “Imagina ainda o seguinte – prossegui eu – se um homem nessas condições descesse de novo para o seu antigo posto, não teria os olhos cheios de trevas, ao regressar subitamente da luz do sol?”

O tal ofuscamento da visão poderia ser o motivo pelo qual servisse de chacota para os seus antigos companheiros que estavam presos, eles apontariam que sua visão foi prejudicada pelo fato do mundo superior. Acarretamos neste caso que eles tentariam matar o ex-prisioneiro caso ele tentasse libertá-los, (MAIA, 2018, p. 103). “Tal processo de saída do visível rumo ao

inteligível nada mais é do que o processo de Paidéia, mas não se trata aqui de introduzir o conhecimento em uma alma que não o possui, mas de uma rememoração”.

A Paidéia (παιδεία) é um termo do grego antigo, empregado para a sistematização da noção de educação na sociedade da grega clássica, ou seja, a Paidéia é a forma de educar o homem na educação perfeita tanto nos preceitos políticos como éticos. Ela também dá ao homem o desejo e a ânsia pelo qual ele se torna um cidadão perfeito e se ensina a ele a obedecer a justiça como fundamento. Para tanto, é bom destacar aqui o papel do filósofo, Maia nos apresenta de forma muito clara o papel fundamental na sociedade perfeita.

Ao filósofo cabe, portanto, elevar-se ao Bem – sair da caverna – e em seguida saber agir no meio dos homens da cidade – descer à caverna. A caverna representa a pólis, e os prisioneiros, a natureza humana deseducada. Quanto à política, são justamente os filósofos os mais adequados, tendo em vista não almejarem tal função, pois do contrário haveria disputas (MAIA, 2018, pp. 104 -105).

Com efeito, o filósofo tem um grande e fundamental papel na sociedade, de levar o bem para todos, o bem que falamos nada mais é do que o próprio conhecimento. A natureza das pessoas escravas no seu próprio ego, ou seja, no egoísmo que os leva a ignorância e fica preso a uma ideia falsa. Ainda falando da função do filósofo, a sua função é o compromisso com os cidadãos de cuidar da sua dimensão intelectual. Neste sentido, o filósofo nos ajudará a compreender o mundo visível e o mundo inteligível. O mundo real é o mundo onde os fenômenos são revelados, ele é acessível aos sentidos, de forma que é bem reduzida e podemos afirmar que o mundo visível está além do que propriamente pensamos e nos cerca, o mundo que vemos e mundo das ideias. O mundo inteligível é baseado no ideal que as pessoas possuem as coisas de toda realidade sem sentido.

E para melhor entendermos essas variações de conhecimentos, Maia apresentará várias disciplinas na área do desenvolvimento do aprendizado, vejamos abaixo.

O Cálculo e a Aritmética são importantes pelo fato de se dissociarem do visível, uma vez que se preocupam apenas com a retidão e a verdade dos números. Os entes matemáticos são relativos, afastam-se do visível, mas ainda não estão próximos das ideias, com sua realidade absoluta. Enquanto o filósofo analisa o que é um círculo, o matemático se preocupa com um determinado círculo. Ela tem por objetivo a ordem e a medida, além de proporcionar o método e o rigor ao futuro dialético (MAIA, 2018, p. 107).

Salientamos que a filosofia é a mãe da sabedoria, por isto ela é mestra. Com todas essas disciplinas chegamos no contexto de muitas variações que ajudarão o homem a chegar no seu

ponto crucial, a sabedoria, que o molda para se inserir na sociedade perfeita. Na Grécia antiga se falava muito nessa questão da retórica e oratória, como todos esses recursos possibilitavam o homem a grandes discursos filosóficos, o velho Sócrates tinha uma retórica impecável. Platão foi até Sócrates para aprender a retórica e oratória, nisto ele foi muito admirado com tanta sabedoria, como ele falava extraordinariamente deixa as pessoas paradas no tempo e faz com que fiquem escravas da sua própria mente.

A retórica designa, para nós, a arte do falar bem de maneira eloquente e precisa, ela nos possibilita uma capacidade de conversar e argumentar, já a oratória designa a capacidade de falar em público. Falar em público significa pode ter a mesma finalidade de falar bem, com efeito, os termos podem ser associados, porém não há uma correspondência direta e possível entre os dois termos hoje. Com esses recursos, digamos assim, ajuda o homem na sua formação intelectual e pública e sua capacidade de administrar o Estado e as Leis.

Platão acreditava que processo dialético objetivava aprofundamento nas essências das coisas. Bom, vejamos como Maia apresenta o processo e o desenvolvimento dialético.

As disciplinas, como a Geometria, por exemplo, recorrem a hipóteses sem justificativas, por isso ainda não levam o homem a uma visão real, o que conseqüentemente, não constituirá ciência alguma. O mesmo não ocorre com o método dialético, uma vez que este afasta as hipóteses no intuito de alcançar o princípio e obter conclusões. Não obstante, recorre às artes, às disciplinas anteriormente mencionadas a fim de auxiliarem no processo de voltar os olhos da alma para cima (MAIA, 2018, pp. 109-110).

O processo dialético que acontecia na forma de discurso entre grupo de pessoas que possuem diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto. Com isto, o que pretendem estabelecer a verdade através de argumentos fundamentados e não simplesmente vencer um debate ou persuadir o opositor. Nisto consiste no ato em si para que seja fundamental na formação da filosofia, o termo ele foi popularizado apenas com o advento dos diálogos socráticos de Platão.

Maia apresenta o papel do filósofo no estado e suas contribuições na formação intelectual dos homens, como ele nos explica abaixo:

E ao verem o Bem em si, o tomarão como modelo para dirigir a cidade, além de dedicarem grande parte do tempo à filosofia. Deverão estar cientes de que o compromisso que assumirão com a cidade e seus concidadãos se trata de um dever, por amor à cidade, por uma necessidade, e não por interesses escusos. Seu papel inclui educar, formar outros cidadãos como eles, o que lhes permitirá viver na Ilha dos Bem-Aventurados (MAIA, 2018, p.113).

O filósofo tem que estar ciente com compromisso que ele assumirá. Fala-se muito na questão do amor, o filósofo tem que ter amor pela sabedoria onde consistia no seu compromisso com os cidadãos. A educação formal grega praticada em Atenas era direcionada apenas para os homens, com efeito, a partir dos sete anos de idade visava o desenvolvimento físicos e intelectual do ser humano. A educação era baseada em três pilares: a ginástica, a música e por último a escrita.

A educação do homem consiste entre o corpo e alma, Maia irá nos ajuda a compreender essa dimensão abaixo.

A alegoria torna notório o fato de que educação não é tentar exacerbar a alma de conhecimentos, precisa-se de uma predisposição da fú&iv, pois educar não é sinônimo de armazenamento de informações. O ato de educar depende da cumplicidade entre corpo e alma, que devem se voltar juntamente das trevas para a luz. Tanto a ignorância quanto a não aplicabilidade do conhecimento daqueles que passam a vida a estudar são prejudiciais não só para o homem, mas também para a cidade (MAIA, 2018, p. 115).

Como Maia nos explicita muito bem essa questão educacional em nossos meios estudantis na seguinte forma que o estudante tem por objetivo ser educado para a sociedade que é inserido para o seu trabalho de acordo com sua natureza humana e sapiencial. Para melhor entendermos a educação do homem voltaremos a Grécia antiga, Platão afirma que o processo educacional se dava a uma espécie de modeladora do corpo e da alma, a educação se dava de maneira física, musical e literária, esses três elementos que sustentavam a formação do homem grego. A música e literatura ajudavam ao homem na missão de educar a sua alma, mas também era ensinado de forma que não tivesse tanto exagero para evitar que o sujeito não se tornasse tão sensível demais.

Quando Platão forma sua escola filosófica, a Academia, ele tinha sua linha fundamental que era realizar investigações científicas e filosóficas. Isso foi o maior centro de estudos dos filósofos naquela época na Grécia antiga com efeito, o filósofo fecundar alma com uma grande inteligência que lhe molda para um mundo sapiencial. O objetivo final da educação para o filósofo, era formação do homem moral, vivendo num Estado justo. Nisto Platão consistia da tríade dos grandes filósofos clássicos sucedendo Sócrates (469-399 a.C.) e precedendo Aristóteles (384-322 a C.), seu discípulo.

2.1. A saída da Caverna e seus novos desafios

Platão apresenta o mito da caverna em forma de diálogo e diz, a caverna simbolizava o mundo, o mundo onde todos os seres humanos vivem. Claro que as sombras projetadas na parede do fundo da caverna representam em seu interior a falsidade dos sentidos, enquanto as correntes representam os preconceitos e a opinião que faz prisioneiros os seres humanos à ignorância e ao senso comum. Platão faz uma descrição muito importante do senso crítico e da razão para que os prisioneiros possam ser “libertados das correntes”, e buscar o conhecimento verdadeiro, que é representado pelo exterior da caverna. Com isso, Platão quer dizer que o sujeito seja libertado da prisão do senso comum e ter um senso crítico e uma razão que os leve para uma sabedoria mais eficaz.

Neste sentido, o prisioneiro que se liberta da caverna após um bom tempo em outra realidade fora dela, ou seja, o mundo verdadeiro, ele volta para ajudar os seus companheiros, isso significa o papel do filósofo, aquele que tem como o objetivo principal restaurar o máximo de escravos aprisionado na ignorância. Com isso ele terá um desafio por que os prisioneiros vão achar que ele está louco e não acreditam no seu companheiro, ele corre o risco de até ser morto pelos outros. Neste caso, percebemos que ele faz uma alusão ao velho Sócrates com o prisioneiro, Sócrates é acusado por corromper a mente da juventude com o seu pensamento questionador, o filósofo é julgado e condenado a morte pelos atenienses.

Maia nos fará uma explicação mais detalhada do papel do filósofo naquela época, vejamos abaixo.

Ainda quanto à função dos filósofos, estes possuem um compromisso para com os cidadãos, no caso os ‘prisioneiros’. Vejamos: tanto os que não receberam uma educação adequada quanto aqueles que receberam o consentimento de passar toda a sua vida aprendendo, não estão aptos a governar a cidade (MAIA, 2018, p. 103).

Bom, o mito da caverna é muito atual e chama muita a atenção por causa da interpretação que Platão faz, uma crítica aos que por preguiça ou por falta de interesse, não são capazes de fazer qualquer tipo de questionamento das realidades impostas e aceitas por um grupo dominante. Isso faz com que o sujeito fique preso no senso comum, só isso basta para suprir seus limites intelectuais, ou seja, o indivíduo se acomoda na sua caverna e começa a viver preso no seu mundo de ideias e não tem um avanço intelectual.

A ignorância, em nossos tempos nos acarretaram que ela é constantemente cultivada por todos aqueles que estão presos nas redes sociais em documentários rasos e sem informações verdadeira, com tantas facilidades nas informações e meios para adquirir a vastidão de conhecimentos. Eles não estão nem aí para as fontes de conhecimento que são adquiridas pelos

meios de comunicações sociais, ficam cada vez mais presas na preguiça intelectual. Quem muito ousa opor-se a esses tipos de vida vulgar, acorrentada na ignorância, presa na caverna igual aos prisioneiros da caverna de Platão é considerado como louco. Ele aponta que os escravos presos no interior da caverna não se dão conta que estão presos, assim como também as pessoas que estão presas nas mídias, nas redes sociais e no mar de informações, da mesma forma estão presos no mundo digital e não percebem.

Maia nos coloca uma coisa muito importante para os filósofos de nossos tempos, os que são consagrados pela filosofia.

Os que são consagrados pela filosofia são uma escultura da perfeição, ou ao menos, daquilo que se imagina ser a perfeição, é o ser bruto transformado em obra de arte; e isto não é privilégio apenas dos homens, mas de quaisquer mulheres que também tiverem em sua natureza aptidão para a filosofia e os mesmos resultados obtidos pelos homens vitoriosos em suas provas (MAIA, 2018, p. 121).

O objetivo que nos acarreta a saída imediatamente da caverna faz com o que surja uma grande reviravolta na mente do ex-prisioneiro, porque ele não sabe de nada de início sem rumo e ofuscado, essa reflexão faz lembrar de como muito de nossos alunos ano após ano não conseguem desenvolver o aprendizado concreto. A grande preocupação hoje é essa, muitos profissionais formados em grandes universidades deixam muito a desejar na questão de transmissão do ensino e aprendizado, ou seja, do conhecimento verdadeiro. A alegoria de Platão nos ilustra muito bem a preocupação da educação, o homem precisar de uma formação sólida e mais consistente, quando o prisioneiro sai das amarras ele praticamente saiu do senso comum.

Os desafios encontrados hoje na nossa educação são vários. Isso é muito preocupante para as gerações futuras, para um jovem de 21 anos de idade não se faz sentido que já se tenha um pensamento crítico e filosófico, digamos assim, é muito difícil hoje desenvolver uma ideia de educação no nosso país, porém, surge um exercício de imersão em várias e diferentes realidades sociais, isso faz que possa gerar concepções para uma sociedade mais igualitária e contribuir com o debate. Neste caso, chegamos a uma conclusão de que a maior parte dessa população não tem um contato com o desenvolvimento intelectual ou criativo, fazendo que eles fiquem presos nas cavernas da não educação.

Por isso, a grande preocupação de Sócrates naquela época, segundo Maia, que fala com muita firmeza sobre essa questão de cidade ideal para ser ocupada pelos os seus moradores, vejamos como ele a descreve.

Vimos que a cidade ideal é composta por quatro virtudes: sabedoria, valentia, temperança e justiça. Trata-se de uma cidade onde governantes e governados encontram-se em consenso quanto a quem manda e quem é mandado. Isto é temperança. O mesmo não ocorre com a sabedoria e a valentia, pois estas se encontram em apenas partes da cidade. A justiça, finalmente, nada mais é do que exercer seu ofício, ou seja, cada um cuidar unicamente do que lhe diz respeito, do contrário, teremos a injustiça (MAIA, 2018, p. 130).

Com efeito, os quatro elementos primordiais para reger uma cidade ideal estão ligados uns com os outros na maneira que se tratam em função da sabedoria que faz tudo girar em sua centralidade e conduzir aos habitantes a uma forma mais eficaz de viver. Para que aconteça o fato de uma cidade ser justa, é preciso que cada uma das três classes, esteja respeitando a natureza de cada uma. Por isso, o grande desafio, é fazer que haja mais preocupação a respeito da nossa educação hoje. Essa sempre será uma realidade desafiadora para todos nós.

2.2 O Mito da Caverna de Platão

A Metáfora de Platão nos apresenta um diálogo entre dois filósofos. Neste colóquio, eles mostram pessoas que vivem prisioneiras numa caverna subterrânea e muito escura. Simplesmente, ele faz uma comparação dessa caverna com o mundo das ideias, que seriam pessoas prisioneiras, que nunca saíram da caverna, e começavam a ter percepções do que era o mundo fora da caverna, mas foi apenas um que conseguiu sair dela. Nesta gruta, tinha uma parede que dividia os prisioneiros, sendo que na frente deles tinha uma parede e por detrás tinha uma estrada e uma fogueira. Por esse lugar, passavam-se pessoas com objetos e animais que apresentavam suas imagens na parede.

Dessa maneira, vejamos como o diálogo é narrado durante toda a conversa entre os filósofos que discutiam sobre o conhecimento.

Depois disto – prossegui – eu – imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à falta, de acordo com a seguinte experiência. Supúnhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada virada para a luz, que se estende todo comprimento dessa gruta. – São incapazes de volta a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longo, numa eminência por detrás deles, entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual construiu um pequeno muro, no gênero dos tapumes que os homens dos “robertos” colocam diante do público, para mostrarem suas habilidades por cima deles (PLATÃO, 1949, p. 315).

É muito salutar o pequeno relato, em forma de diálogo, que o autor nos apresenta, de como o indivíduo chega ao conhecimento. É com estas intenções que ao aplicar o método proposto ele faz a articulação no processo pelo qual o grupo dos indivíduos podem adquirir certos aprendizados a partir de reflexões e percepções. Olha o tamanho da importância na narrativa, que recebem as aberturas e as resistências que os personagens se apresentam no processo de percepção e reflexão.

Neste sentido, seguiremos o modelo pedagógico, no próprio “diálogo” o autor apresenta como os prisioneiros viviam acorrentados dentro da gruta tinham suas ideias e reflexões, de pessoas que passavam por esse caminho com objetos e faziam ruídos e sons. Assim sendo, podemos ter uma ideia de que eles estavam vendo imagens do mundo real, claro que isto não é o suficiente para se ter a compreensão necessária do mundo lá fora, ou seja o conhecimento desejado.

Partindo de uma reflexão em busca da verdade, que é o próprio aprendizado, faz sentido a saída do homem que estava preso na caverna. Esse homem não é muito diferente do homem de hoje, que fica preso no seu comodismo, se contenta e com pouco conhecimento não se salienta para ir em busca do sagrado saber. O homem fica, muitas vezes, impossibilitado do conhecimento, vejamos a abaixo como se caracteriza a condição social dos homens naquele determinado período.

O primeiro pode ser entendido como uma condição social, onde os homens estão desde a infância em determinadas condições que não possibilitam conhecer tais verdades, ou seja, estão impossibilitados de realizar uma passagem do contexto infantil, no qual habitam, para um racional. Isso se dá, segundo a interpretação, pelo não favorecimento dos meios e por uma acomodação: os homens estão presos e não conseguem se movimentar. Esse movimento não pode ser realizado devido aos grilhões que impedem o desenvolvimento do sujeito. Outro obstáculo é o ofuscamento diante da luz da razão (o fogo que queima). O sujeito percebe sua presença, percebe sua existência, mais ainda não tem consciência (CARNEIRO, 2016, p. 69).

Ainda na caverna, que tinha o que estava por detrás deles, por onde passavam objetos e pessoas que projetam as imagens, que simboliza realidade, porém, elas se dão por causa da ausência de consciência, neste sentido, os homens são levados a perceber apenas os reflexos e com eles se contentam. Ademais, podemos perceber que eles ficam ofuscados com a luz da razão e passam ter percepções de sua existência.

Podemos analisar que o sujeito que vivia no seu estado infantil da consciência, na verdade, é levado a se conter com sombras e ruídos sociais e, portanto, era conduzidos por essas coisas que são como estão presos, sem buscar a sabedoria por si, assim, é impossibilitado e

induzido à manipulação e impedido de buscar qualquer tipo de luz do aprendizado e de perceber a realidade de maneira crítica.

Platão, nos coloca dentro da nossa própria história, e no nosso processo de humanização, o sujeito está inserido em um contexto social e em uma relação que é quase existencial.

Para ele, o homem que vivia na caverna social, mesmo que não conseguisse transcender de imediato devido aos obstáculos, continuava com o potencial de desenvolver sua forma de pensar filosófica. Nem sempre é fácil romper esse vínculo, pois muitas vezes o homem está tão arraigado com o senso comum que se nega a aceitar conceitos que explicam de forma plausível a realidade na qual este está inserido (CARNEIRO, 2016, p. 70).

O homem está possibilitado de todo conhecimento, por isso, que o sujeito está em constante construção do seu conhecimento. “A educação seria, por conseguinte, a arte desse desejo, a maneira mais fácil e mais eficaz de fazer dar valor a esse órgão, não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso.” (PLATÃO, 1949, p. 321). Nesse sentido, vemos a importância do ensino de filosofia e sua contribuição direta no processo do conhecimento. Assim, o ensino da filosofia é apresentado como um meio para se obter o conhecimento reflexivo, organizado e crítico.

Para melhor entendermos o ensino e aprendizado, que está aprisionado nas cavernas de nossas mentes, ou de nosso mundo, olhemos a realidade de nossos alunos de hoje. Eles não são incentivados a pensar, não têm uma abertura para acolher a informação e para explorar os livros e métodos para se adquirir o aprendizado. Parece que mesmo com tantos recursos tecnológicos, que nos ajudam no processo de aprendizado. Mas por que isso? Talvez seja provocado por uma sapiência rasa sem estrutura que está assolando demais nossos alunos. Hoje querem tudo muito fácil, parece muito que só fica com o conhecimento que o professor passa na sala de aula e isso basta.

O ensino da filosofia é apresentado como um meio para se obter o conhecimento reflexivo, organizado e crítico. É por meio deste que o estudante, instigado pelo seu professor, pode romper com o pensamento do senso comum e se apropriar do conhecimento racional e mais elaborado. Percebe-se que esta é uma das maiores necessidades que o homem procura em seu processo de aquisição do conhecimento e desenvolvimento da razão. Com essa procura, ele busca se entender como um ser no mundo, atuante nele e nos seus acontecimentos (CARNEIRO, 2016, p. 68).

Com relação ao saber raso, será que o culpado é somente o professor, que contribui direta e indiretamente para o processo aprendizado dos nossos alunos? Eu suponho que não são

só eles os únicos culpados, mas sim são culpados, começando dentro de nossas casas, pelos pais que não estão acompanhando seus filhos na escola.

Provavelmente, devido a cultura mercantilista, fluidez dos acontecimentos e banalização da educação, como fonte inspiradora do conhecimento, parece que não se tem mais uma preocupação intelectual, escola? Não se preocupa em buscar a gênese do saber, tampouco recorre à verdade. Nesse ponto cabe nos indagar, são alguns dos motivos que ainda nos aprisionam nessa caverna contemporânea.

Então, nos aprisionamos naquilo que a psicologia piagetiana chama de “transmissão de conhecimentos”, em que o aluno é aquele receptor passivo, pois fica só no que o professor diz, se limita e não se atenta para ir mais além, para que se obtenha um exercício sólido de busca pelo conhecimento, com feito, ele não tem uma força interior para buscar a fonte do saber.

3. Os elementos para o Ensino de Filosofia a partir do Mito da Caverna de Platão.

O Mito da Caverna de Platão pode ser compreendido em relação às prisões que há dentro do ensino de filosofia, aqui mostraremos as dificuldades que salientam os problemas ocorridos dentro do próprio contexto atual, de fato, é muito preocupante os termos que apontam os desprazeres do ensino em si. Os elementos que vamos focar mais, são as bases do Mito da Caverna de Platão, que traz uma profunda reflexão acerca do sair do seu mundo de ideias para o mundo real. Neste sentido, a busca pela sabedoria eleva o indivíduo a outro patamar, fazendo com que ele se impulsione a viver no mundo sapiencial. Consideramos a filosofia platônica como aquela que vai além do conhecimento que o homem almeja durante toda sua vida.

- Por conseguinte, se a filosofia eminente se deparou a necessidade de se ocuparem do governo, na imensidão do tempo passado, ou se ela atualmente existe em qualquer país bárbaro, situado longe das nossas vistas, ou se vier algum dia a existir, nós estamos dispostos a sustentar, a esse respeito, que existiu a dita constituição, que existe e que embora também da nossa parte se concorde que é difícil. (PLATÃO, 1949, p.292).

A ignorância pela qual o homem se aprisiona em seu mundo de ideias sem nenhum fundo de verdade e sempre ficar no seu mundo raso sem e sem profundidade, isso, acarreta ao sujeito ficar preso nas correntes do senso comum e ser levado para o ofuscamento. No âmbito mais comum em relação ao comodismo dentro do próprio ensino, mostra um conjunto de predominância filosófica parada sem uma construção de conhecimento profundo enraizado na categoria platônica. Com efeito, a filosofia nos liberta das correntes do senso comum a fonte de sabedoria filosófica para o sujeito.

Já a vida dentro da caverna simboliza mundo sensível, que é experimentado pelos sentidos onde se fala da falsa percepção da realidade que estamos inseridos. A chamada saída da caverna simboliza a busca pela verdade que está além da saída da prisão, o chamado mundo inteligível, o que é alcançado pelo uso da razão. No diálogo, Platão mostra uma trajetória de Sócrates buscando estabelecer teoricamente como seria o governo perfeito.

Vimos também que a referida formação pressupõe o desenvolvimento de virtudes designadas como verdadeiras e guiadas pelo sumo Bem que seriam alcançadas pela subordinação do desejo, pela libertação do homem do mundo sensível em que se encontra enredado, dirigindo o olhar de seu pensamento ao mundo inteligível das ideias. (PAGNI, 2007, p. 13)

Por essa razão, o conhecimento é, para Platão, a fonte primordial de um bom governante. Então ele aponta que o filósofo deve ser como o prisioneiro liberto da caverna. Essas características são fundamentais para uma educação perfeita, que visa a perfeição nos conteúdos repassados para os que estão no processo de aprendizagem, sendo assim, cabe ao filósofo ter essa responsabilidade de construir uma educação de valia para a sociedade, e para o Estado perfeito onde Platão colocar como ponto principal na sua obra.

Esse diálogo permite compreendermos como Platão concebe a filosofia e idealiza o filósofo como educador do Estado e dos cidadãos, conferindo a ele um papel central no funcionamento da cidade ideal, ampliando os ensinamentos de seu mestre e construindo as bases de um pensamento e de uma pedagogia próprios. (PAGNI, 2007, p.02)

Tirando uma conclusão da Caverna de Platão que se dá da seguinte forma, a metáfora de Platão salienta que os prisioneiros da caverna são homens comuns, ou seja, somos nós mesmos, que acaba criando confusão com o mundo de ideias, cheios de limitações e presos em nossas crenças e costumes. Isso mostra como o homem ainda viver aprisionado na sua carência de conhecimento, e fica somente com os seus costumes e crenças que suprem suas dificuldades passando assim uma má formação intelectual.

A caverna é o nosso próprio corpo e são os nossos sentidos rasos sem conhecimento e sem razão, e segundo Platão, é errôneo e enganoso. As sombras nas paredes, os ecos e vozes, são apenas um pequeno reflexo do mundo real. Os ecos são distorções sonoras, por isso, esses elementos simbolizam as opiniões erradas e o conhecimento preconceituoso do senso comum que jogamos e afirmamos ser verdadeiros. Já a saída da alegoria, traz um importante significado, que é a busca pelo conhecimento verdadeiro, ou seja, o conhecimento enraizado na filosofia platônica. A luz, que ofusca a visão do prisioneiro livre é colocada em uma situação de desconforto, salientamos quando ele tem o primeiro contato com o conhecimento verdadeiro, que é razão e a filosofia.

- O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custa, a ideia do bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo de belos; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para se ser sensato na vida particular e pública. (PLATÃO, 1949, p.319).

A carência que encontramos no ensino hoje é muito comum a falta de interesse por parte dos gestores e isso já faz muito tempo essa deficiência na educação, está causando este desgaste

cruel na educação. Percebemos essa falta de pessoas mais qualificadas na área de humanas e sobretudo a falta da filosofia que é esta parceira no sistema educacional, vejamos como ele apresenta de fato esse sistema educacional através da filosofia Platônica.

Ao refletir sobre a necessidade de uma nova educação que tivesse como meta a reinvenção da polis, Sócrates ensaiou uma ruptura com um modelo de educação que havia predominado, até pelo menos o século IV, que se baseava na concepção aristocrática da areté, isto é, da virtude ou da excelência intelectual e moral, acessível somente aos que possuíam o sangue divino. (PAGNI, 2007, p.03)

Percebemos uma carência voltada para uma insegurança no próprio ensino que é demarcada por essa falta de conhecimento aprofundado no seu contexto acadêmico e escolar, acarretando que o ensino precisa de mais atenção em todos os sentidos, precisa sair da prisão do mundo das ideias.

A formação do homem a partir da Paidéia platônica faz com que o sujeito se qualifique na sabedoria visando assim o anseio de produzir e transmitir para o mundo real, ou seja, para a formação desse estado perfeito que tanto Platão fala e quer para a sociedade de Atenas, porém, não só em Atenas, mas mundialmente para assim formar uma sociedade inteligente. Por essa razão, vejamos como Ângelo Pagni salienta essa questão e se aprofunda nela em seu compromisso e missão do mestre educacional.

Pois, a Paideia implicaria em formar o homem, tendo em vista o governo da razão sobre as esferas inferiores da alma humana e em pressupor a constituição da cidade justa para a qual os cidadãos deveriam ser formados, conforme a sua própria natureza e voltada às leis racionais dessa república ideal. (2007, p. 13)

Vale ressaltar, que Platão tem uma proposta educacional muito relevante e clara e está muito ligada com o Estado ideal que ele tanto ressalta no livro VII da República. Para o filósofo a educação ideal deve estar atrelada com a forma de governo, por isso, ele mesmo vai mostrar e idealizar a concepção de educação que deve estar pronta para atuar no processo educativo feito a partir do modelo de educação apropriado, ou seja, ele mesmo propõe em vários períodos. Para se compreender melhor a relação entre o Estado e educação, começamos pela própria composição da Pólis que, para Platão, é repartida em três classes: os governantes, que tem a função de garantir o governo da cidade sob as leis, os guardiões, responsáveis por toda defesa da cidade; a classe dos produtores, são garantidores da sobrevivência material da sociedade, são essas as características que norteiam a ideia de Estado e cidade para Platão.

Pegando esse gancho do pensamento platônico acerca da ideia de Estado perfeito e educação perfeita, podemos imaginar a educação como chave para se chegar à perfeição em determinada construção de ensino, sendo assim, os seres humanos, para ele, possuem três elementos primordiais onde a alma concupiscente que sempre procura satisfazer as suas necessidades do corpo, o prazer; alma é irascível a colérica que é o responsável por fazer a defesa do corpo contra as agressões. Categoricamente, Platão diz que todo homem que desejasse tornar-se um bom estadista, precisaria ser um bom conhecedor do bem e do mal, nesse sentido, isso só seria possível mediante a combinação da disciplina moral e intelectual assim desenvolver um bom trabalho no que se diz respeito ao Estado perfeito que também está ligado com a educação de qualidade. Então precisa mudar o estado para que essa educação prevaleça e será possível em qualquer ação de governo.

3.1. Importância do ensino de filosofia.

A importância do ensino de filosofia pode ser apontada a partir do valor que a ela foi dada no começo da educação na Grécia Antiga, seu início começou com os grandes ensinamentos do mestre Sócrates. O pensamento filosófico grego-socrático (469-399 a.C.) foi ganhando visibilidade naquele contexto e ficou marcado por uma reviravolta na história da humanidade. Nesse sentido, o filósofo procurava uma explicação baseada nas observações das forças da natureza. Com o velho Sócrates, o ser humano voltou-se para si mesmo. Como mais diria o filósofo Cícero, “que coube ao grego trazer a filosofia do céu para a terra, onde se foi concentrada no homem e em sua própria alma”, (no grego se diz, a psique).

Sócrates tinha uma preocupação muito forte no que diz respeito ao conhecimento, que para ele era levar as pessoas por meio de um autoconhecimento seguro e verdadeiro, à sabedoria e a prática do bem. Para se compreender mais de forma aprofundada, vejamos como ele colocava essas ideias em prática naquele tempo.

- São até mitos necessários – replicou – será então possível censurar, sob qualquer aspecto, uma ocupação tal que nunca ninguém será capaz de a exercer convenientemente, se não for de seu natural dotado de memória e de facilidade de aprender, de superioridade e amabilidade, amigo e aderente da verdade, da justiça, da coragem e da temperança. (PLATÃO, p. 270).

A filosofia é a fonte do ensino e da aprendizagem, isso faz com que o homem se desprenda das prisões causadas pelo senso comum, porém, a filosofia tem esse papel fundamental de tirar o pensamento do senso comum e leva-lo para o senso crítico. Com efeito,

o sujeito fica como se tivesse sabendo de tudo sem uma construção sólida que tem essa característica em função do sistema do ensino da própria filosofia em si, por essa razão, Platão destaca esse cuidado com o ensino desde os primórdios, quando ele diz que a educação é uma base para a formação da sociedade perfeita, com isso podemos perceber que esse cuidado é muito necessário hoje, sem conta que o sistema educacional não pode deixar de lado essa preocupação com o ensino da filosofia platônica.

O ensino de filosofia é tão importante quanto qualquer outro componente curricular, sendo assim, a Filosofia da Educação é algo agregador no sentido provocador e transformador de todos os seres. Com base nessas informações a filosofia é muito importante para a educação e não pode ficar de fora, ou seja, ela tem um grande feito no sistema educacional, desde o seu início e até aqui ela vem sendo essa parceria na educação de tanta gente, por isso que é necessário ter esse olhar especial para a mãe da sabedoria. O processo de ensino e aprendizagem é importante para se ter uma qualidade mais avançada, assim, são provocados tanto os professores regentes, quanto os sujeitos alunos no sentido de condições em busca da sabedoria.

O pensamento filosófico nos ajudará a compreender essa dimensão educacional que é tão importante desde os primórdios da educação na própria Grécia, essa era a maior preocupação do filósofo no que diz respeito ao papel o ensino aprendido da filosofia platônica.

O diálogo socrático é o método do logos para chegar a uma conduta reta, isto é, os conceitos que designariam o que somos enquanto seres humanos e os valores nos quais sustentariamos a nossa ação para a virtude. Na realidade, a filosofia que Sócrates professou em vida não é um simples processo teórico de pensamento, mas funcionou como um convite ao pensar e uma forma de reeducação do pensar. (PAGNI, 2007, p. 04)

O papel da filosofia na educação é em primeiro lugar, desenvolver, e ao mesmo tempo, impulsionar em especial o aluno ao conhecimento, ou seja, inserir o aluno no profundo conhecimento. O próprio significado já diz tudo, a filosofia em si, diz respeito a sabedoria, o ponto crucial do ser humano é a fonte do conhecimento, esse é o seu papel de levar o homem à sabedoria. O grande educador Paulo Freire, sempre deixou transparecer em suas frases e citações, que o papel da educação é ser libertadora, na forma de instigar os educandos a serem pessoas livres para conhecer mais, aprender mais, e ensinar mais. Ao mesmo tempo, o aluno é convidado a ter o papel crítico junto a uma sociedade que busca sempre essa constância nas inovações, qualidades e concomitam que o sujeito tenha plena sabedoria. “Ninguém liberta

ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.” (FREIRE, Paulo. Rio de Janeiro: 1987.).

Com efeito, é preciso ter uma filosofia ativa dentro do processo de ensino e aprendizado, observando a partir do processo educacional em especial do ensino médio, logo, se vê uma obrigatoriedade do ensino de filosofia, diante de tudo, o ensino é obrigatório, mas ainda, precisa de muita atenção por parte dos gestores, enfim, de todas as partes. Para completar a formosa citação do grande Paulo Freire. A libertação dos homens em comunhão com todo corpo, docentes, discente e com toda a comunidade escolar, em vista de sua participação ativa.

O filósofo em si tem que ter uma constância na sua vivência, se não tem essa constância a filosofia não vai servir de nada, ou seja, não vai ter aprendido a filosofar, com efeito a filosofia faz parte da vida do homem, em todos os sentidos ela está presente na vida, assim, é apresentado a constância da filosofia.

Aos que se dispusessem a filosofar sobre as ideias verdadeiras e sobre as virtudes a conduzir a vida pública, e que resistissem até o fim ao programa educativo proposto, seriam dadas as condições necessárias para assumirem o papel de guias da República, os seus educadores, assim como para exercerem as atividades necessárias ao seu governo racional. (PAGNI, 2007, p. 15).

Bom, o filosofar nada mais é do que, um profundo pensamento e estudo sobre as ideias verdadeira, em contra partida com as virtudes da vida público do filósofo, onde ele tem a plena certeza da verdade. É preciso ter um programa voltado para o sistema educativo do homem que sai do senso da ignorância e vai para o senso do mundo crítico em busca da sabedoria. Com efeito, esta sabedoria é entendida como a pedra angular da educação do sujeito, mesmo os alunos tendo dificuldades nesse processo educacional por parte da filosofia, que é apenas uma aula na semana, é de suma importância dá própria equipe educacional ter um olhar mais específico para eles, fazendo com que eles aprendam no mínimo a filosofar com segurança.

3.2. A função do papel do ensino de filosofia.

Nesse contexto, a filosofia é uma ferramenta utilizada pelo homem para transformar a si e a sua realidade. Nesse caso, a filosofia possibilita o estudo dos problemas fundamentais relacionados à existência humana, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais, valores éticos e estéticos, a mente e à linguagem, tudo isto está ligado com a filosofia. Por essa razão, ela é tão importante para a vida do homem, mais do que nós imaginamos, embora muitos não

saibam da sua valorosa importância, e mais ainda ela é a busca constante do conhecimento, da verdade, é um olhar para dentro de nós mesmos.

A filosofia platônica é muito importante desde o seu início até hoje, é através dela que o pensamento lógico é estimulado, auxiliando a sua compreensão, transformação, construção e preservação de concepções abrangentes de todo o mundo. A filosofia tem esse papel fundamental no seu próprio ensino em si, fazendo com que ela se torne o ponto de partida para se alcançar esses objetivos que são importantíssimos para se chegar ao conhecimento, ou seja, para se chegar à uma verdade absoluta e clara, para assim, ter firmeza no que falamos e afirmamos ser uma verdade.

A filosofia visa estudar e interpretar ideias ou significações gerais como: realidade, mundo, natureza, cultura, história, subjetividade, objetividade, diferença, repetição, semelhança, conflito, contradição, mudança, etc. A filosofia se interessa por aquele instante em que a realidade natural (o mundo das coisas) e a história (o mundo dos homens) tornam-se estranhas, espantosas, incompreensíveis e enigmáticas, quando o senso comum já não sabe o que pensar e dizer e as ciências e as artes ainda não sabem o que pensar e dizer. (FEROLDI; TREVISIO, 2015, p 171).

A importância de como a filosofia visa essa preocupação com os estudos e interpretações das ideias gerais e também das realidades, isso visa, uma questão de fundamentos necessários para serem explorados para mostrar sua real potencialidade no que diz respeito ao seu papel fundamental. O senso comum já não pode mais pensar e dizer que as ciências não sabem pensar e dizer criando assim um pensamento supérfluo, sem nenhum conceito de verdade.

O senso comum não pode ficar de fora e nem ser condenado logo assim de início, primeiro não podemos ignorar o pensamento do outro, o pouco saber que ele tem é através do senso comum, por isso, que devemos compreender e depois que ele tiver um conhecimento mais aprofundado trazemos para um questionamento mais preciso.

Se abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum for útil; se não se deixar guiar pela submissão às ideias dominantes e aos poderes estabelecidos for útil; se buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história for útil; se conhecer o sentido das criações humanas nas artes, nas ciências e na política for útil; se dar a cada um de nós e à nossa sociedade os meios para serem conscientes de si e de suas ações numa prática que deseja a liberdade e a felicidade para todos for útil, então podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes de que os seres humanos são capazes (CHAUÍ, 2002, p. 18).

A filosofia se ocupa em encontrar a origem, a forma e o conteúdo dos valores éticos, políticos, artísticos e culturais. Com efeito, a sua compreensão vem a partir das causas e das formas de ilusão e dos preconceitos causados contra ela. No plano individual e coletivo podemos perceber que há transformações históricas dos conceitos, das ideias e dos seus valores. Dessa maneira, a percepção, imaginação, memória, linguagem, inteligência, modalidades de relação entre o ser humano e o próprio mundo, ou seja, do ser humano consigo mesmo e com os outros.

Alguns elementos que envolvem a filosofia, ou até mesmo que se confundem com a mesma, vejamos como é separadas essas diversidades de coisas que estão atreladas com o senso comum e separamos uma por uma para ajudar na nossa compreensão.

A filosofia não é ciência; é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos. A filosofia não é religião; é uma reflexão crítica sobre as origens e formas das crenças religiosas. A filosofia não é arte; é uma interpretação crítica aos conteúdos, das formas, das significações, das obras de arte e do trabalho artístico. A filosofia não é sociologia, nem psicologia, mas a interpretação, compreensão e reflexão sobre a origem, a natureza e as formas do poder. A filosofia não é história, mas interpretações do sentido dos acontecimentos enquanto inseridos no tempo e compreensão do que seja o próprio tempo. Filosofia é conhecimento do conhecimento e da ação humana, conhecimento da transformação temporal dos princípios do saber e do agir, conhecimento da mudança das formas do real ou dos seres. A filosofia sabe que está na história e que possui uma história. (FEROLDI; TREVISI, 2015 p, 172).

Para ademais, a filosofia não é nenhum desses elementos citados e sobretudo não uma ciência, porém, todos esses elementos estão ligados com a filosofia e desde os primórdios do conhecimento eles precisavam da filosofia, aí entramos naquela questão que resolve tudo isso, a filosofia é a mãe da sabedoria. A filosofia é mudança é transformação e conhecimento, todo homem ignorante que passa pela filosofia se transforma em outra pessoa, ou seja, surgiu um novo homem que sabe pensar, dialogar e construir seu lugar de fala.

O ensino de Filosofia no Ensino Médio geralmente é justificado por duas características, o desenvolvimento da criticidade do estudante e a interlocução entre disciplinas que compõem a carga horária. A filosofia é atrelada num Ensino Médio de forma muito preocupante, parece que ela está ali só para preencher carga horária, isso é muito preocupante, porque o aluno já sai do Ensino Médio com essa mentalidade na cabeça, filosofia é apenas uma disciplina para preencher horários e é apenas uma aula por semana e as vezes em plena uma sexta-feira no ultimo horário, ocasionando assim um desprezo com relação a filosofia e muitos ainda dizem não sei pra que essa disciplina que só serve para encher linguiça.

A filosofia é libertação. Libertação da ignorância, do senso comum, e dá direito ao homem de pensar e construir a sua própria opinião. Por essa razão, o homem está atrelado ao conhecimento por várias razões filosóficas que o molda para a vida, por isso, que é tão importante o seu ensino hoje, mesmo com tantas dificuldades encontradas pelo caminho, mas ela é esse ponto de partida para mergulhar nas colmeias do saber. Bom, isso é muito relevante para discutirmos formas e soluções que ajudem a manter o ensino dela a todo vapor, não podemos deixar parar ou morrer, assim sendo desprezada, um pouco tempo que se tem dentro da sala de aula, são necessários que os professores deem seu melhor para repassar essa fonte de conhecimento que é tão necessária para todo aprendiz.

Se faz necessário que o aluno de filosofia tenha um certo domínio em relação de conteúdos filosóficos, cabe ao professor também ter essa preocupação e revisar determinados assuntos abordados em sala de aula, por exemplo agora.

Nesse sentido, é essencial que os alunos aprendam os três níveis de pensamento filosófico no ensino da filosofia. Dentre eles, apenas o especulativo pode ser considerado essencialmente filosófico, embora seja o mais difícil de ser realizado. O pensamento dialético e o abstrato afiguram-se como etapas necessárias para o aprendizado e para a formação do pensamento especulativo, por trazerem em si os conteúdos que compõem o pensamento filosófico. Por esse motivo, o ensino da filosofia deve restringir-se ao exercício desses três tipos de pensamento, respeitando uma sequência que possibilite ao aluno aprender a complexidade de cada uma dessas formas, elevando seu espírito ao pensamento filosófico. (GALAMA, 2008, p. 161).

Por isso é tão importante o Ensino de Filosofia obrigatório no Ensino Médio e sua relevância e eficácia no ensino, neste sentido, o alto do artigo é muito pertinente quando ele fala dessa importância da dialética, um método muito eficaz na dimensão do ensino que é muito voltado para esse problema educacional atual. O coração da sabedoria nasce no seio da filosofia, nesse sentido, o ensino não passa a ser só obrigatório e sim desejado pelos alunos e professores nesse processo de aprendizado.

A filosofia tem o seu lugar primordial na educação, o seu ensino é muito importante para a formação do homem, tornando o homem pensador, permitindo estimular uma visão crítica e contextualizada da realidade e no domínio conceitual e na elaboração e de aplicação de interpretação sobre relações humanas. Ela também faz com o que o homem tenha sua própria opinião, saber o seu lugar de fala e sobretudo saber se posicionar nos discursos e argumentos. Portanto, sua importância é muito salutar para se desvendar os mistérios e histórias da existência humana, a compreender o porquê e a razão fundamental para tudo o que existe no mundo, ou seja, ajuda o homem a desvendar muita coisa sobre o pensamento humano.

CONCLUSÃO

Ao se chegar ao término dessa pesquisa, acreditamos que foi explorado e elucidado com muito cuidado e dever analítico, alguns teóricos relevantes das Leis que regem toda construção e interpretação da obra a República de Platão, trazendo os seus principais pontos que norteiam o nosso trabalho. De fato, como foi abordado no início, o impulso fundamental que deu origem ao processo essencialmente educacional, pedagógico, político e ético elaborado por Platão em seu famoso e mais vasto diálogo filosófico.

No primeiro capítulo foi abordado com muita relevância, aparece claramente elaborado no VII livro, partindo de uma ideia de prisioneiros que estão presos numa caverna, onde é apresentado para nós, o mundo de ideias e ilusões, perante essa afirmação discorremos o atual cenário do ensino de filosofia sofre hoje, não só de hoje mais de muito tempo atrás sofre essa falta de atenção. Partindo de uma perspectiva pedagógica e antropológica elaborada por Platão nessa obra, educar o homem significa, portanto, antes de mais nada, fazendo ele conferir uma disciplina moral às suas paixões, de maneira que faça ele amar aquilo que deve amar e tenha aversão por aquilo que ele dever odiar. O principal ponto que trata é a política ideal e o Estado perfeito onde o homem possa viver bem e possa se perpetuar intelectualmente.

No segundo capítulo foi abordado a relevância da saída da caverna para o mundo intelectual, onde fazemos a ilustração do prisioneiro que se liberta das correntes e sai da caverna, logo, de cara com o mundo verdadeiro ele fica cego com a luz do sol, com efeito, ele passará um bom tempo para se adaptar a essa nova realidade. Quando ele descobre que essas coisas novas são muito mais do que ele poderia pensar, agora ele tem o conhecimento nas suas mãos, no próprio diálogo diz que se ele voltasse para a caverna ele seria morto por seus companheiros, iriam dizer que ele estava louco e não sabia o que estava dizendo. Isso é pra ilustrar como a ignorância a pressionar o homem, conduzindo-o ao fracasso, essa é a nossa tentativa de mostrar para o ser humano a importância do conhecimento, de ante mão a filosofia é uma parceira que contribui por excelência para a chegada do homem ao conhecimento verdadeiro.

No terceiro capítulo foi abordado o seguimento de compreender os elementos para o Ensino de Filosofia a partir da Alegoria de Platão, com efeito, se fez necessário buscar mostrar vários elementos que são muito importantes para o ensino de filosofia. Alegoria da Caverna de Platão traz essa relevância de mostrar e conduzir o leitor a se debruçar sobre o conhecimento filosófico de Platão, sua metodologia é primordial para a nossa educação, mostrando como pode ser feito para resolver esses problemas que assolam o ensino de filosofia no Ensino Médio.

Acreditamos que essa análise das questões e de conteúdos mencionados é fundamental para nossa pesquisa, durante todo o texto foi colocada em evidencia que as Leis são de uma grande importância para entendermos a reflexões de Platão sobre o Estado ideal e sobre a política perfeita. Essa pesquisa é de suma importância para o contexto da filosofia, onde foram apresentados elementos importantes em relação a sua prática em sala de aula, mostrando sua relevância e contribuição para o mundo da sabedoria.

REFERÊNCIAS

BORTOLINI, Rosane Wanderscheer e NUNES, César. **A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego.** *Filos. e Educ.*, Campinas, SP, v.10, n.1, p.21-36, jan./abr. 2018 – ISSN 1984-9605. BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

CHAUÍ, M. **Iniciação à Filosofia.** São Paulo, Ática, 2012.

CARNEIRO, Antônio Carlos. **UMA INTERPRETAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA SEGUNDO O MITO DA CAVERNA.** *Revista Filosófica São Boa Aventura, Curitiba*, v. 10, n. 2, p. 67-77, dez. 2016.

FEROLDI, Laís Bianca Antônio e TREVISO, Vanessa Cristina. **O papel da filosofia como instrumento pedagógico na escola do século XXI.** Bebedouro, São Paulo, 2015. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade.*

FEROLDI, Laís Bianca Antônio; TREVISO, Vanessa Cristina. **O Papel da Filosofia como Instrumento Pedagógico na Escola do Século XXI.** *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, vg] Bebedouro - São Paulo, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970.

GELAMO, Rodrigo Peloso. **O Ensino da Filosofia e o Papel do Professor-Filósofo em Hegel.** *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 2008.

LUZ, Maíra Tiala de Araujo Santos. **Representações da realidade no Mito da Caverna, de Platão e Room (2015), de Lenny Abrahamson.** *BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras.* ISSN: 2238-5754 – n. 12, ago/dez de 2017.

MATOS, Lucas Pereira. **A ALEGORIA DA CAVERNA E SEU MITO HOJE.** *Revista Pandora Brasil, Bahia*, n. 34, p. 68-78, set. 2011.

MAIA, Heloíse dos Santos. **A caverna de Plantão - Uma imagem da educação.** Niterói, 2018. 140 p. Dissertação (pós graduação em filosofia) - Universidade Federal Fluminense.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec/MEC), 1999.**

PLATÃO. **O mito da caverna, In: A República.** 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949. Cap. 7. p. 315-359.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. Platão. **A República. Tradução, introdução e notas.** Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1996.

PAGNI, Pedro Ângelo. **A filosofia da Educação Platônica: o desejo de sabedoria e a Paideia justa. Material didático.** Sem data.

SILVA, Geina Emilia Germano da. **O MITO DA CAVERNA: uma reflexão crítica para o processo de ensino aprendizagem dos alunos no ensino médio.** 2019. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Caicó, 2019.